

Maria do Carmo Eunice Mazzotta

Psicóloga, psicodramatista, didata e supervisora pela Febrap, professora no IPPGC (Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas), coordenadora do Gecap (Grupo de Estudos Científicos sobre Adolescência e Psicodrama).

O PSICODRAMA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA E INTERVENÇÃO SOCIAL

RESUMO

A proposta do artigo é refletir a respeito da contribuição do psicodrama como metodologia de intervenção social, tendo como referência o acompanhamento de projetos voltados especificamente para jovens de classe socioeconômica baixa. As reflexões e indagações críticas apresentadas são conseqüentes do trabalho desenvolvido pelo Gecap.

DESCRITORES

Psicodrama; adolescência; intervenção social.

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect on the contribution of psychodrama as a method of social intervention, using as reference point projects developed especially for young people from economically disadvantaged social classes. The reflections and critical examinations presented here are the result of the work carried out at the Gecap.

KEYWORDS

Psychodrama; adolescence; social intervention.

INTRODUÇÃO

Numa sociedade globalizada, com graves desigualdades econômicas e sociais, são evidentes as lacunas educacionais e culturais. Sob este prisma, são plausíveis e até mesmo louváveis as iniciativas de alguns de seus segmentos, de organizações governamentais e não governamentais, no sentido de desenvolverem projetos com jovens de classe socioeconômica baixa. Seja com o objetivo de prepará-los para o mercado de trabalho, favorecendo recursos para o desempenho de papéis profissionais, seja estimulando-os a participarem de atividades artísticas e esportivas, estes projetos têm um caráter preventivo: buscam caminhos alternativos à violência, ao consumo

de drogas, à prostituição, entre outros graves problemas sociais.

Na tentativa de direcionamento para melhores perspectivas de futuro, questionamos como ocorre a participação do psicodramatista, quais os conceitos que norteiam suas análises, propostas e, principalmente, qual a sua postura crítica diante da realidade social. O psicodramatista é situado como agente colaborador e questionador nesses projetos institucionais, principalmente no que se refere ao relacionamento entre os adultos e os jovens.

O referencial teórico-técnico tanto do texto como dos trabalhos desenvolvidos é a sociodinâmica, que está associada à sociometria, a teoria de papéis, aos conceitos de criatividade / conserva cultural, espontaneidade e tele-relação.

Moreno (1984), ao propor o psicodrama, partiu de um olhar crítico à sociedade vienense, o que o impulsionou a um trajeto criativo e fecundo. Esta postura crítica, articulada à intervenção social, foi uma herança significativa em sua obra. Esta é a vertente na qual apresentamos o texto. Ele é uma ampliação de um artigo publicado pela autora no jornal Correio Popular de Campinas, que teve como repercussão uma ampla e produtiva troca entre profissionais a respeito dos projetos desenvolvidos na cidade, direcionados principalmente à inserção de jovens no mercado de trabalho e à proposta socionômica. Inicialmente, será apresentada uma pequena síntese das propostas e atividades realizadas pelo Gecap e, depois, algumas reflexões críticas, com as quais o grupo tem se debruçado.

GRUPO DE ESTUDOS CIENTÍFICOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E PSICODRAMA - GECAP:

A proposta do GECAP surgiu a partir da experiência de algumas parcerias entre o IPPGC e organizações não governamentais (ONGs) da cidade de Campinas. Inicialmente uma professora fazia a ponte entre as duas instituições, e os alunos do curso de formação realizavam grupos com os participantes dos projetos destas ONGs. Um segundo passo foi a realização de uma pesquisa em psicodrama com psicodramatistas recém-formados pelo IPPGC e o acompanhamento de uma professora-supervisora. A partir de então, outros profissionais foram se inserindo no grupo que hoje desenvolve vários trabalhos na cidade de Campinas em instituições particulares, governamentais e do terceiro setor, não estando mais apenas vinculado ao IPPGC. O foco do grupo continua sendo: trabalhos institucionais, pesquisa em adolescência e psicodrama. Atualmente conta com sete profissionais de formações universitárias variadas, sendo duas professoras supervisoras, uma didata e quatro psicodramatistas.

A estrutura do grupo inclui reuniões científicas, nas quais o material das pesquisas é trabalhado, e seminários envolvendo temas da adolescência e da metodologia psicodramática, além de reuniões para planejamento, supervisão e avaliação dos trabalhos desenvolvidos. Uma grande parte do trabalho operacional é realizada através da Internet. Todos os trabalhos são relatados e processados, o que garante tanto um aprofundamento teórico-técnico daqueles que os executam como dos demais, que têm a possibilidade de acompanhá-los. As participações profissio-

nais dos integrantes do Gecap são permeadas pela visão do pesquisador como investigador social participante. Suas atitudes, propostas, encaminhamentos metodológicos e comentários são sempre contextualizados, tendo como escopo as relações, os grupos e as instituições envolvidas, o que possibilita uma co-criação nas vivências e seus processamentos a partir de vários olhares. Os fatores responsáveis pela viabilidade do processo e pelos resultados gratificantes que o grupo vem atingindo foram a escolha sociométrica dos integrantes e um projeto dramático comum, que com regularidade é reavaliado e reconstruído. Dentro destes parâmetros, as intervenções são objeto de reflexão crítica e construtiva, sendo o objetivo maior expandir o conhecimento produzido, divulgando-o tanto para a comunidade sociopsicodramática como para outros campos metodológicos que se dedicam ao trabalho social com adolescentes. O grupo tem se inserido em atividades científicas como sessões abertas, jornada, congresso de psicodrama e publicações em jornal, revista, além do projeto de um livro.

REFLEXÕES CRÍTICAS

As reflexões que trazemos partiram do acompanhamento dos projetos voltados para jovens de classe socioeconômica baixa, mas de forma alguma são restritas a eles.

O espaço relacional para trabalhar os aspectos subjetivos atrelados às grandes transformações bio-psíquicas-sociais desta faixa de idade é indiscutivelmente necessário.

Consideramos que nestes projetos o maior investimento deva ser feito nos VÍNCULOS entre os jovens, deles com as organizações, com a família, com a comunidade na qual estão inseridos. À primeira vista pode parecer óbvio demais, entretanto, percebemos que há, em geral, por parte dos coordenadores, grande preocupação com as aprendizagens técnicas, resultados práticos, com o produto final do projeto, ficando o trabalho das relações em segundo plano. A preocupação se restringe à adaptação do jovem a uma realidade, mas poucos questionamentos são feitos a respeito de como este processo acontece e de seu significado socioideológico.

Essa é uma das funções do psicodramatista, a mobilização dos adultos que propõem uma intervenção dessa envergadura. Para ilustrar podemos pensar numa situação em que os jovens não cumprem determinadas expectativas dos adultos, seja no aspecto comportamental ou no pedagógico, então, o psicodramatista pode contextualizar este fato. Para isto, propicia aos adultos se colocarem no lugar dos jovens, não de forma racional, mas vivencial, quebrando barreiras na comunicação, percebendo que assumem, por exemplo, a postura “estou vendo você, estou de olho em suas atitudes, mas eu não me exponho nas situações, fico de fora.”

A concretização de um projeto comum, com as dificuldades inerentes, é viabilizada através da troca de informações, conhecimentos e experiências entre psicodramatistas e profissionais das instituições. Esta afinação é determinante e abre o espaço necessário para o trabalho.

Alguns atalhos são fundamentais na construção deste caminho. Trazem

mos algumas propostas de indagações:

Será possível seguir esse caminho de inserção do jovem num contexto diferenciado sem questionar as regras, apenas incorporando-as sem crítica? A questão dos limites tem sido colocada, de forma geral, como fator norteador dos trabalhos, mas o embasamento teórico e filosófico para a compreensão deste conceito nem sempre está claro e definido. São regras que o jovem deve cumprir? Pautadas em quê? Na medida de tolerância de cada professor ou profissional? De cada pai, mãe? De valores de um grupo social do qual este jovem é freqüentemente excluído? Colocar limites muitas vezes aparece como uma habilidade do adulto para “enquadrar” o jovem. Há um discurso de deveres a serem cumpridos como resposta ao que é oferecido, já que ele está recebendo uma oportunidade de “presente”, sem a qual estaria abandonado. Como o adulto se coloca nesta relação de limites? Há consciência de suas próprias expectativas e intencionalidades nesta empreitada? Há um olhar para o jovem com os olhos dele?

Como o jovem pode compreender uma situação na qual esperam que ele seja inserido sem passar por um amadurecimento de valores, sem uma edificação de sua identidade como indivíduo pertencente a determinado grupo? E como vivenciar tudo isso sem uma comunicação clara, horizontal, autêntica? Seria possível para um jovem fazer um projeto de futuro sem consciência de seu significado, sem que saiba como uma escolha pode ser construída?

Muitas questões podem ser colocadas a fim de esclarecermos a fundamental importância do espaço grupal para o jovem com um acompanhamento profissional adequado. Temos clareza também que este é um grande desafio, não só para os jovens, mas também para os adultos que se relacionam com eles.

O psicodrama compreende que as microrrelações, os pequenos grupos tendem a reproduzir as mesmas dificuldades e conflitos das redes sociais mais amplas: família, empresa, organizações políticas, educacionais etc.

Os processos vinculares que acontecem nesses projetos com os jovens podem repetir formas de relações saturadas, autoritárias, pouco criativas, com distorções na comunicação, na afetividade, ou, em situações extremas, desprovidas de respeito e fidelidade.

A intervenção dos psicodramatistas nessas relações grupo-organizacionais propõe-se a trilhar um caminho, através de sua metodologia específica, traçando, junto com todos os participantes, o desenho do como, onde, quando, por que esse processo de reprodução acontece. Esta pode ser considerada uma outra função do psicodramatista. Quando o grupo identifica as tramas socioemocionais envolvidas, pode sair das polarizações de culpados e inocentes, bons e maus, bem-educados e mal-educados, competentes e incompetentes, e assim por diante. O objetivo é partir para uma construção pautada na consciência de limites, das potencialidades, dos direitos e deveres. Desta criação conjunta do papel de cidadão todos fazemos parte, tanto nós, profissionais, quanto os jovens e seus familiares.

Ao elaborar um projeto para os jovens, não se pode ter a ingenuidade ou desconhecimento de supor que a transformação da realidade social ocorrerá apenas por meio do trabalho com eles. Se não há abertura e disponibilidade para um investimento no aspecto humano, vendo-se como parte dessa rede, e reconhecendo as participações e contribuições dos vários fios que a compõem, inclusive dos profissionais, o projeto pode se transformar numa simples expiação de culpas, ou, o que é ainda pior, pode-se chegar à equívoca conclusão de que não há solução para esses graves problemas. Assim, em nada se terá contribuído para uma realidade diferente da que estamos vivendo.

· Não temos respostas certas, um gabarito exato, uma receita infalível, mas um método de trabalho social, que propõe ao profissional, antes de tudo, que se coloque lado a lado com o outro, fazendo parte do mesmo drama, buscando em conjunto as saídas, as respostas, e por que não, aprendendo a criticar, a construir, a transformar. Enfim, sujeitos dispostos ao árduo mas prazeroso trabalho da co-criação.

Propomos, então, àqueles que desenvolvem esses projetos, que se perguntem se estão construindo um futuro “para” os jovens, ou novos vínculos, abrindo para todos novas perspectivas. A construção conjunta implica que os adultos (pais, professores, profissionais, psicodramatistas) também estejam se renovando, se descristalizando neste processo educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAZZOTTA, M.C.E. *Projetos para o jovem?* In: **Jornal Correio Popular**, Campinas, 20 de outubro de 2007.

MORENO, J.L. **Psicodrama**, 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1984.

Endereço da autora:

Maria do Carmo Eunice Mazzotta

Rua Guilherme da Silva 255 – ap. 12

Campinas – SP

E-mail: kakamazota@terra.com.br

